

Desvendando os *memes*: uma proposta para o ensino de leitura e escrita

Joelma Batista dos Santos Ribeiro¹
Márcia Silva Pituba Freitas²

O acesso cada vez mais frequente à internet tem atingido diretamente as formas de ler e escrever das pessoas, pois traz um universo cheio de imagens, letras, sons e códigos. Ao mesmo tempo, há uma diversidade de gêneros textuais digitais que emergem e fazem-nos interagir, além de nos estimularem e nos convidarem a participar como leitores e escritores. Muitas vezes, no ciberespaço, o leitor não é passivo, antes, é um produtor de textos que lê e estabelece seu próprio itinerário de leitura ao escolher os materiais que acessará.

Atualmente, com a utilização de aplicativos e mídias eletrônicas diversificadas nos processos de comunicação e de interação social, notamos uma crescente circulação de gêneros textuais emergentes, que compõem o mundo letrado e convocam cada vez mais participantes a tomarem parte desse universo. Bazerman (2015) afirma que:

À medida entramos no mundo letrado, passamos a reconhecer, quase como uma segunda natureza, um grande número de gêneros e as situações que eles acarretam. Fazemos isso quase sem refletir, respondendo imaginativamente aos mundos que cristalizados quase assim que os vemos. (BAZERMAN, 2015, p. 34).

1 Doutoranda em Língua Portuguesa pela PUC-SP; Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP; Especialista em Língua Inglesa pela USP; Membro do Grupo ERA.

2 Doutoranda em Língua Portuguesa pela PUC-SP; Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP; Especialista em Linguagens da Infância pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro (Unifitalo); Membro do Grupo ERA; Bolsista CAPES

Ao interagirmos com o universo digital e, conseqüentemente, com os gêneros textuais que o compõem, facilmente podemos tanto reconhecê-los quanto identificar sua natureza, bem como os meios nos quais aparecem. Dentre os gêneros midiáticos que circulam no ciberespaço, elegemos, para o trabalho com o ensino de leitura e escrita em Língua Portuguesa, o *meme*, que vem conquistando um espaço cada vez maior, pois é um gênero que carrega em si tanto a linguagem verbal quanto a não verbal. Geralmente, transmite uma mensagem de humor ou ironia e pode ser formado por imagens, figuras, fotografias, frases ou qualquer elemento que transmita uma mensagem.

Os *memes* podem ser entendidos como uma construção retórica, à medida em que são elaborados com o intuito de atingir o outro, ou seja, fazê-lo mudar o ponto de vista, as convicções ou até o comportamento. Embora se utilizem do humor e, por diversas vezes, da ironia, que são inerentes ao gênero, o intuito não é apenas fazer o leitor rir ou informá-lo, mas, além disso, movê-lo de maneira a possibilitar uma outra resposta por meio da reflexão, ou da mudança de perspectiva da questão ou, ainda, suscitar uma paixão, que seria uma resposta imediata.

Esse gênero carrega um alto teor persuasivo, pois manifesta diferentes posicionamentos ideológicos apresentados às redes em que circula. Embora difícil de mensurar seu alcance, a sua resposta pode ser obtida por meio dos comentários, das curtidas e dos compartilhamentos, ou seja, a resposta retórica pode ser dada quase que imediatamente. Nessa perspectiva, a argumentação acha solo fértil a partir desse gênero midiático, que carrega uma construção de sentido apoiada na imagem, na intertextualidade e no contexto, ou seja, para dominar a leitura e a produção do gênero em questão, é necessário identificar fatores externos ao texto como a memória e a atualização dos fatos que o originaram.

O caráter persuasivo do *meme* está internamente relacionado com os estudos de retórica que, desde os seus primórdios, não se ocupa com as teses aceitas e provadas; antes, encarrega-se do que pode ter sido, com o provável, com o verossímil, que atua no campo da *doxa*, ou seja, da opinião. Aristóteles (2005), filósofo que viveu entre 384 a.C. e 322 a.C., já definira a retórica como sendo capaz de achar o que cada caso comporta de persuasivo. É nessa perspectiva, aliada à socioretórica de Bazerman (2015), que sugerimos a utilização do *meme* como ponto de partida para o ensino de leitura e produção textual argumentativa em Língua Portuguesa.

Para tanto, traçamos um breve histórico sobre a origem, as características e a taxonomia dos *memes* como um gênero textual midiático, um panorama teórico sobre retórica, e, por fim, fazemos um percurso de leitura de um *meme* que, potencialmente, baliza o processo de invenção da escrita de um texto argumentativo.

Origem do *meme*

Os *memes* são um gênero textual digital que circula na internet em redes sociais como o *Whatsapp*, o *Faceboook* e o *Twiter*. Eles podem ser formados por imagens, figuras, fotografias, frases ou qualquer elemento que transmita uma mensagem irônica ou humorística. Alguns chegam a viralizar na rede, em uma velocidade impressionante, outros, todavia, não são tão propagados, mas podem permanecer por mais tempo na web.

O termo *meme* foi cunhado pela primeira vez por Richard Dawkins, zoólogo e teórico social, em 1976, no seu livro “O gene egoísta”. O estudioso se dedicou à pesquisa da evolução da cultura na sociedade, por meio de uma comparação entre a evolução genética (Charles Darwin) e a evolução cultural, ou seja, a transmissão cultural seria semelhante à transmissão genética, no sentido de que, apesar de conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução. Portanto, para o autor, assim como o gene é o agente da evolução genética, os *memes* o são da evolução cultural. Em outras palavras, o *meme* é o replicador, o transmissor cultural que se dá por meio de ideias, melodias, slogans, modas do vestuário, maneiras de fazer que se disseminam de uma pessoa para outra dentro de uma cultura (DAWKINS, 1979). Sua propagação se dá, em amplo sentido, por meio da imitação. Blackmore (2000, p. 65) ilustra: “Quando você cumprimenta com o aperto de mãos, canta ‘Feliz aniversário’ ou vota em uma eleição, você está perpetuando *memes*”³ (tradução nossa).

Dawkins (1979) esclarece que o termo *meme* provém da abreviação da raiz grega “mimeme”, mas ressalta que “pode-se, alternadamente, pensar que a palavra (*meme*) está relacionada à memória, ou à palavra francesa *même* (mesmo)” (DAWKINS, 1979, p. 192). Para o autor, os *memes* são os replicadores, no entanto, não significa que são cópias idênticas, antes se replicam resguardando apenas algumas características, isto é, geram *memes* diferentes. Esse processo de replicar está estreitamente relacionado com a cultura e o tempo. O termo *meme* na internet passou a ser usado com grande frequência, pois nomeia um gênero textual marcado pela linguagem verbal e não verbal, ou seja, a multimodalidade textual, que requer de seus leitores e produtores⁴ estratégias de leitura e produção.

3 “Whenever you shake hand as, sing “Happy birthday” or cast your vote in an election, you are giving life to *memes*”. Blackmore (2000, p. 65)

4 Salientamos que nesse trabalho adotaremos a terminologia produtor em detrimento a autor para os que produzem os *memes*. Segundo Chartier (2014, p. 28): “[...] Aquele que assina uma carta privada ou um documento legal e aquele que inventa uma publicidade não são autores, mesmo tendo sido eles os produtores do texto. A ‘função autor’ resulta, portanto, de operações específicas, complexas, que relacionam a unidade e a coerência de alguns discursos a um dado sujeito”.

No processo de replicação dos *memes*, Dawkins (1979) aponta três características: longevidade, fecundidade e fidelidade. A longevidade é a capacidade do *meme* de permanecer no tempo; a fecundidade, por sua vez, é a capacidade de gerar cópias; já a fidelidade está relacionada à capacidade de gerar cópias semelhantes ao *meme* original. Com base nos estudos de Dawkins (1979), Recuero (2007) realiza uma taxonomia dos *memes* e adiciona mais uma característica: o alcance, que está relacionado com a aproximação ou o distanciamento dos *memes* replicados. Essas características apontam para o valor de sobrevivência dos *memes* e norteiam a construção de sua tipologia.

Dessa forma, Recuero (2007) aponta:

- Quanto à fidelidade, os *memes* podem ser: **replicadores**, alta fidelidade ao original e reduzida variação, seu principal objetivo parece ser informar; metamórficos, têm alto poder de mutação e recombinação, são difíceis de serem associados com o original devido sua variabilidade, também consiste em uma forma de estímulo à interação, como forma de propagação; miméticos, a estrutura do *meme* permanece inalterada, apesar de sofrer mutações e combinações, são facilmente reconhecidos como imitação do original, no entanto, a sua essência está na personalização. A autora ainda salienta que é possível um tipo de *meme* se transformar em outro, por exemplo, um *meme* metamórfico pode ser apenas referenciado em um link e, assim, transforme-se em *meme* de replicação.
- Quanto à longevidade, há os *memes* persistentes, que são aqueles que permanecem sendo replicados por mais tempo, ou ainda aqueles que desaparecem por um tempo, mas depois voltam a se replicar. Esses tipos de *memes*, segundo Recuero (2007), associam-se facilmente com os miméticos e replicadores, devido às suas poucas variações. Os voláteis têm um curto período de exposição, podem até ser copiados na rede, mas são esquecidos rapidamente ou modificados, o que os tornam *memes* mórficos.
- Quanto à fecundidade, podem ser: epidêmicos, ou seja, se espalham rapidamente por várias redes de weblogs, como uma epidemia; fecundos, são *memes* que se espalham apenas por grupos menores e alguns weblogs. Todos os *memes* são potencialmente fecundos, ou seja, necessitam algum grau de disseminação.
- Quanto ao alcance dos *memes* dentro da rede, podem ser: globais, alcançam indivíduos que estão distantes entre si, ou ainda podem

ser locais, restringem-se à vizinhança de indivíduos, ou seja, são propagados por pessoas que já interagem. Apesar de serem restritos a poucos, podem se tornar globais.

Cabe salientar que, embora a tipologia de *memes* esteja organizada separadamente, um *meme* pode se enquadrar ou se transformar em outras categorias de acordo com o grau de espalhamento e variação.

Os produtores e leitores de *memes*, muitas vezes, utilizam-nos intuitivamente. No processo de interação produtor, leitor e texto (*meme*), as partes podem desenvolver um repertório de informação e conhecimento, pois é necessário para quem o elabora que o faça a partir de uma escrita persuasiva, sagaz e inteligível (*inventio*) – explicaremos o conceito mais adiante – e para quem vai ler, que o faça da forma mais competente possível. Assim, Bazerman (2015) aponta que a familiaridade com um determinado gênero textual, a partir de um contato frequente, faz com que o utilizemos sem refletir sobre suas minúcias, uma vez que a própria constância no contato se retroalimenta e possibilita a construção interiorizada de um cabedal, fruto das experiências de escrita e leitura, respectivamente.

O trabalho com *memes* pode despertar nos alunos um olhar mais apurado para questões culturais que os cercam, pois é o resultado da convergência de fatores culturais e sociais que se replicam e se propagam à medida que os *memes* são produzidos, lidos e compartilhados. Além disso, pode levá-los à reflexão sobre a linguagem, a partir de outros vieses, como sua natureza persuasiva e as muitas possibilidades de construções de novos sentidos a partir de uma abordagem interpretativa mais crítica desse gênero.

Da memória à intertextualidade

Outros fatores estão estreitamente relacionados com a produção e a leitura dos *memes*. Destacamos a memória e a intertextualidade, uma vez que podemos considerá-las como peças-chave tanto para a produção quanto para uma leitura competente de um *meme*.

A memória é comum tanto para o produtor quanto para o leitor dos *memes* e é também considerada, em retórica, a quinta parte da composição do discurso. Assim, quando há a produção de um *meme*, o produtor assume o papel de guardião de um momento, uma vez que o registro, embora carregado de humor e crítica, destaca uma situação que merece

ou tem relevância social. Podemos dizer, então, que o produtor do *meme* usa de sua memória individual, a mesma que o orador utiliza quando profere um discurso.

Posteriormente, essa memória individual amplia seu alcance e torna-se uma memória coletiva, uma vez que ao circular por um auditório, seja ele particular ou universal, o *meme* passa a pertencer não mais a um só sujeito, mas a um grupo de sujeitos. Por isso, Le Goff (2014) afirma que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2014, p. 435) (grifo do autor).

Assim, damos relevo à questão da identidade como fator que une ou dispersa os integrantes de um auditório, pois o *meme* é uma manifestação individual que almeja a adesão do maior número de sujeitos possíveis. Dessa forma, pode ocorrer, quando une, o fenômeno da viralização. Esse posicionamento que acontece em um espaço-tempo, demarca não só a presentidade de um fato em um lugar, como também, o seu decurso histórico no tempo. Ricouer (2014) assera que:

[...] é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para frente, [...] mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo. (RICOUER, 2014, p. 107-108).

Dessa forma, a intertextualidade provoca instintivamente a memória do leitor e pode ser considerada uma das primeiras manifestações dos *hyperlinks*, característicos dos textos midiáticos em que se inserem os *memes*. Quando ocorre uma referência intertextual provocada propositalmente no processo de leitura, uma das alternativas cabíveis ao leitor é prosseguir com a leitura ou, outra, voltar ao texto original e retomá-lo para uma melhor compreensão do que se segue (CARDOSO e SILVA, 1997).

Por isso, a fim de esclarecer a respeito da intertextualidade, afirma-nos Kristeva (2012) que:

[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 2012, p. 142) (grifo da autora).

Assim, retomamos a memória como referência. O uso do conhecimento prévio (textos anteriores) do leitor é um facilitador de entendimento para a leitura do *mime*. É preciso compreender o contexto de construção: desconstruir as partes (texto e imagem), preencher as lacunas necessárias, decodificar e interpretar, pois a partir desse procedimento pode se dar de forma competente e eficiente a leitura, cumulando-a de sentido e significado para o leitor.

Retórica e gêneros textuais

No contexto midiático, muitos gêneros textuais têm emergido e angariado leitores e produtores que participam ativamente do campo virtual. Segundo Bazerman (2015), “os gêneros corporificam compreensões de situações, relações, posições, humores, estratégias, recursos apropriados, metas e muitos outros elementos que definem e formam meios de realização” (BAZERMAN, 2015, p. 35). O autor ainda afirma que, além dos gêneros trazerem marcas do tempo e do lugar no qual se realizam ações, também assessora o escritor a dar forma e objetivo ao texto produzido. Assim, auxilia a enfrentar o desafio do papel em branco, que tantas vezes atormenta os alunos de diferentes faixas etárias.

A produção textual dirigida por gênero, segundo Bazerman (2015), ajuda a identificar a expectativa dos leitores. Perspectiva essa centrada no receptor e compartilhada pela retórica que, desde a Antiguidade, principalmente com Aristóteles (2005), que a sistematizou, já apontava para o auditório como alvo do discurso, ou seja, todo discurso tinha como objetivo atingir o outro, trazer o outro para si no sentido de fazer mudar o comportamento ou, ao menos, negociar o ponto de vista. Dessa forma, quando um produtor de texto o constrói tendo em vista a adesão

do interlocutor, produz construções retóricas e, assim, objetiva a eficácia persuasiva por meio da construção argumentativa apresentada.

Salientamos que utilizamos os termos da retórica orador e auditório para nos referirmos aos participantes do processo de produção e recepção do discurso. A retórica, na Antiguidade, se ocupava dos discursos orais elaborados e entregues por oradores ao seu auditório na *pólis* grega, que deliberavam sobre as causas apresentadas pelos retores (oradores). Aristóteles (2005), inclusive, classificou os gêneros oratórios de acordo com a atitude do auditório após ouvir o discurso: julgar (gênero judiciário), apreciar (gênero laudatório) ou deliberar (gênero deliberativo). Ao nos referirmos ao auditório, é válido lembrar que ele poderá ser composto tanto por um indivíduo ou um coletivo, como esclareceremos mais adiante.

No processo de sistematização da retórica, Aristóteles (2005) dividiu a composição do discurso em quatro partes: invenção, disposição, elocução e ação, mais tarde, a retórica latina acrescentou a memória. Vejamos, brevemente, cada uma das partes, segundo Tringali (2014):

- A **invenção** consiste na busca de argumentos e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso. É a etapa da seleção de argumentos que podem ir da persuasão ao jogo das paixões, desde que suscite uma resposta favorável ao problema levantado.
- Em segundo lugar vem a **disposição**, que diz respeito à organização desses argumentos no discurso, em outras palavras, é o plano do discurso, que se divide em: exórdio, início do discurso, que tem a função de tornar o auditório receptivo; narração, exposição da solução de maneira clara de forma a beneficiar as necessidades de acusação ou defesa; confirmação é a exposição do conjunto de provas seguido de uma refutação; por último, a peroração e a digressão, a primeira tem a função de pôr fim ao discurso, pois mostra a adequação da solução ao problema apresentado, que pode inclusive dividir-se em partes; a digressão é quase um momento de descontração do auditório, no qual o orador pode tanto distrair, apiedar ou indignar o auditório.
- A terceira fase de composição do discurso, a **elocução**, se concentra na redação do discurso, é o momento no qual são empregadas as figuras de estilo, e o orador precisa se empenhar para produzir um estilo formal; para atingir esses fins o orador deveria adaptar o estilo ao assunto, ser claro e se mostrar vivaz.

- Já a **ação** está ligada à execução oral do discurso, ou seja, gestos, voz e demais fatores que efetivam o alcance do auditório pela presença do orador.
- Por fim, a **memória** que é utilizada tanto pelo orador, como recurso para se lembrar do discurso, quanto pelo auditório, que pode fazer as relações necessárias durante o discurso, buscando a partir do seu repertório – conhecimento prévio – dados essenciais para melhor compreensão do exposto pelo orador. Nos textos, observamos essa ocorrência por meio das intertextualidades que resgatam lembranças e constroem novos discursos.

A divisão da composição do discurso consiste em um meio valioso para o produtor de textos enfrentar o desafio da escrita. Cada uma das partes, como discorreremos brevemente, discrimina ações da elaboração da escrita até a sua exposição. Bazerman (2015) afirma que, no processo de escrita, o produtor desenvolve vários tipos de atividades como: pré-escrita, invenção, planejamento, escrita de esboço, revisão, edição e revisão de provas, que influenciam no aprimoramento do texto final em vários níveis, pois “a sequência geral de atividades ajuda o escritor a criar o texto, transformar pensamentos iniciais em prosa bem elaborada” (BAZERMAN, 2015, p.73). O autor ainda menciona que no momento de elaboração (invenção) o escritor não deverá se incomodar com problemas como ortografia ou digitação correta, pois haverá o momento propício para essa etapa.

O momento da invenção, parte que enfatizamos nesse estudo, não se limita à busca do que se irá dizer, antes, inclui a seleção das provas, isto é, em retórica, provas consistem em tudo que possa persuadir. Invenção não significa inventar, como a própria palavra pode sugerir, mas significa achar e julgar, ou seja, buscar provas e selecionar as pertinentes para a situação em questão, empregando-as, em seguida, na composição da disposição e da elocução.

As provas retóricas não pretendem chegar à verdade, como as provas científicas, mas ao verossímil, não à certeza, mas à opinião (TRINGALI, 2014). Essas mesmas características assinalam o gênero *meme*, que busca, por meio da ironia e do humor, a adesão à tese apresentada, pela exposição das provas retóricas que são transmitidas por intermédio da linguagem.

Nesse processo, o auditório estará inclinado a responder à tese. Assim, o orador, com o intuito de convencer seu auditório, faz suscitar uma paixão que, aliás, é uma excelente prova retórica para mobilizá-lo, a favor de uma determinada tese. Aristóteles (2000) as classificou em quatorze: cólera,

calma, temor, segurança, (confiança, audácia), inveja, impudência, amor, ódio, vergonha, emulação, compaixão, favor (obsequiosidade), indignação e desprezo. Assim, um *meme* pode suscitar respostas do auditório em forma de paixões, as quais podem tanto unir, como o amor ou o favor, como causar uma separação, como o ódio ou a vergonha. É importante ressaltar que nem todos respondem da mesma forma às paixões suscitadas, por isso, o orador deve conhecer bem o seu auditório.

Perelman e Tyteca (1996) assinalam que, para o orador escolher os argumentos adequados para o auditório, é necessário que se estabeleça um acordo prévio entre as partes, que poderá versar sobre valores, gostos e costumes do auditório e, assim, o orador utilizará premissas aceitas por ele.

Tais autores, em seus estudos da Nova Retórica nos anos 60, apresentaram os conceitos de auditório universal e auditório particular. O primeiro é composto pela grande maioria das pessoas adultas, racionais e normais, mas os autores salientam que em cada cultura poderá haver um conceito diferente sobre esse auditório. Já o auditório particular pode ser constituído por uma pessoa ou por um grupo, bem como pelo próprio sujeito, quando esse delibera intrinsecamente sobre suas ações. Nessa perspectiva, não é demais assinalar que é imprescindível para uma boa performance do orador que ele se adapte ao auditório ao qual se dirige, partindo de premissas aceitas por ele.

É na invenção que o escritor busca as provas que se adequem ao seu auditório e ao gênero que produzirá. Mesmo que no ciberespaço o auditório pareça imensurável, ao publicar um discurso, o escritor poderá fazê-lo para um grupo específico que se encontra na rede, isto é, será direcionado para um auditório particular, composto por pessoas que compartilham as mesmas premissas. É comum encontramos *memes* de política que atendem a um auditório particular, composto por simpatizantes, partidários e outros que apoiam o político ou a questão. Há, também, os *memes* sobre derrotas e vitórias de times de futebol que despertam paixões específicas nos auditórios que os compartilham.

A escrita de textos na perspectiva dos gêneros textuais, como assinala a sociorretórica, possibilita a construção do texto a partir de uma perspectiva de organização de pessoas e atividades que são estabelecidas por meio do universo letrado em que o indivíduo toma parte, à medida que interage nele, e supõe o que se espera do texto, ou seja, é necessário conhecer o auditório para o qual se produz o texto. No entanto, Bazerman (2015) acrescenta que:

Muitos gêneros têm expectativa de novidade, originalidade, pensamento inovador, uma aptidão situacional particular ou

outras capacidades de *inventio* mesmo para cumprir com o sucesso os pré-requisitos básicos do gênero. O gênero dirige o caráter da invenção, aponta ao escritor determinadas espécies de trabalho e aguça o apetite dos leitores por determinada espécie de surpresa. (BAZERMAN, 2015, p. 128) (grifo do autor).

O autor esclarece que há gêneros textuais, como a piada, em que a novidade e a surpresa fazem parte do gênero e devem ser trabalhadas pelo escritor. O *meme* trabalha com o humor e a surpresa, embora ocorram várias replicações do original, geralmente, surpreende pela inovação, por isso, pode viralizar na rede e originar outros.

Além das provas patéticas, as paixões, há também as provas éticas, ou *ethos*, e as lógicas, o *logos*. O *ethos* é a imagem que o auditório constrói do orador por meio das escolhas discursivas que esse realiza. Para ser persuasivo deverá se mostrar honesto, humilde e amável. Já o *logos* carrega o discurso, ou seja, os raciocínios que Aristóteles (2005) dividiu em indutivos e dedutivos. Perelman e Tyteca (1996) ampliaram os estudos de Aristóteles sobre argumentação e classificaram vários tipos de argumentos como o de comparação que, segundo os autores, consiste em se cotejar vários objetos para avaliá-los em relação ao outro, podendo ser distinguidos devido ao seu caráter identificatório ou analógico.

Leitura de *meme* como ponto de partida para a produção argumentativa

Propomos nesta seção um percurso de leitura de um *meme* como sugestão para o desencadeamento do processo de invenção de um texto argumentativo. Para tanto, selecionamos um *meme* publicado na véspera da votação do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Fato esse que gerou grande alvoroço nas redes sociais e, da mesma forma, a publicação de vários *memes* com diferentes posicionamentos sobre a votação. Observemos⁵:

5 Disponível em <http://gersoncpidapetrobras.blogspot.com/2016/04/veja-os-melhores-memes-sobre-o-processo.html> - acessado em julho/2018.



O *meme* “Digam ao povo que eu fico” originou-se de uma tela ilustrativa de Dom Pedro I, príncipe regente do Brasil, sobre o “Dia do Fico”, data conhecida pelo seu pronunciamento sobre sua permanência no Brasil, apesar da pressão da coroa portuguesa, que havia solicitado sua volta a Portugal como estratégia de impedimento da independência e recolonização do Brasil.

O partido liberal do Brasil chegou a colher milhares de assinaturas para a permanência de Dom Pedro I, que proclamou no dia 9 de janeiro de 1922: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto! Digam ao povo que fico” (FAUSTO, 1995, p. 132). No entanto, a primeira parte da declaração de Dom Pedro I: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto!”, não é resgatada no *meme*, pois o próprio contexto de votação, para a permanência ou não da presidente, revela que nem todos ficariam satisfeitos com a permanência de Dilma. Dessa forma, estrategicamente, resgatou-se apenas a parte do discurso que poderia alicerçar a tese.

Segundo a classificação de Recuero (2007), podemos considerar esse *meme*, quanto à fidelidade, mimético, pois a estrutura do *meme* permanece inalterada, apesar de sofrer mutações e combinações. Além disso, é facilmente reconhecido como imitação do original, no caso, da tela original. No entanto, a sua essência está na personalização, no caso, a cabeça de Dom Pedro I é trocada pela da presidente. Quanto à longevidade, é volátil, de curto período de exposição, pode até ser copiado na rede, mas esquecido

rapidamente. Esse *meme* provavelmente não foi replicado após o resultado da votação que tirou a ex-presidente da cena política brasileira, pois não teria força argumentativa diante do novo contexto político. Também podemos considerá-lo fecundo, em detrimento de epidêmico, pois espalhou-se apenas por grupos menores e alguns *weblogs*. Apesar disso, seu alcance pode ser considerado global, pois atingiu indivíduos distantes entre si. Ainda que não tenha viralizado de uma forma instantânea, indivíduos que não interagiam entre si o compartilharam.

A invenção construiu-se a partir de uma relação de intertextualidade tanto com a tela original (fato histórico do passado) quanto com o momento histórico, político e social em que se vivia (fato do momento), o que levou, em decorrência, a se estabelecer uma analogia. Para tanto, a prova ética, que é demanda do *ethos*, é evidenciada à medida que o leitor aciona a memória histórica do significado político do “Dia do fico”, que culminou com a independência do Brasil meses depois.

Fica evidente o posicionamento ideológico em que se dá o texto (*meme*), que busca persuadir o auditório, utilizando-se da imagem da presidente como percussora de um movimento de “independência da nação”. A postura da presidente na imagem e o comportamento das pessoas, que parecem ovacionar e comemorar, são, sem dúvida, indicativos de sua honestidade, amabilidade e sua superioridade, apresentadas ao auditório no intuito de fazê-lo aderir à tese apresentada a favor da presidente.

O *meme* pode suscitar no auditório e nos interlocutores, o *pathos*, as já mencionadas paixões aristotélicas. Perelman e Tyteca (1996), ao discorrerem sobre auditórios, esclareceram que o orador deve conhecê-los para que parta de premissas aceitas por eles, a fim de conduzir a argumentação. Nessa perspectiva, a grosso modo, o *meme* é construído a partir de um fato histórico, provavelmente conhecido por aqueles que afirmam lutar pelo país. Em outras palavras, o acordo se dá a partir de um fato histórico incontestável, que mudou as diretrizes do país naquela época, e chama atenção do auditório para as possíveis semelhanças entre os ocorridos, o que culmina na reflexão e possível adesão à tese apresentada.

Embora tenha partido de uma imagem que carrega o processo de construção da história de independência do Brasil, o *meme* analisado oferece a afirmação do auditório que partilha da ideia de permanência da presidente. Mas, por outro lado, pode incitar certa indignação por aqueles que não partilham do mesmo ideal. Aristóteles (2000, p. 7) identifica a indignação como a “atualização de uma opinião acerca do que não parece digno de consideração”. Portanto, a indignação funciona como uma resposta ao *meme* e a afirmação

de posicionamento do auditório que não compartilhava a tese apresentada.

A imagem do meme, a tela de Dom Pedro I com a cabeça de Dilma, sugere uma comparação entre os dois personagens e os dois momentos históricos. Perelman e Tyteca (1996) afirmam que a comparação permite a justificação de um termo pelo outro, ou seja, comparam-se os elementos para avaliá-los em relação ao outro, o que pode tanto aproximar como afastar os elementos. No caso do meme, a comparação coloca Dilma no mesmo patamar de importância histórica de Dom Pedro I naquele momento, isto é, peça fundamental para a “independência da nação”, por isso sua permanência fora tão aclamada pelo povo.

Considerações finais

O percurso de leitura que ilustramos acima fornece ao produtor de texto um vasto repertório de provas retóricas cabíveis de serem utilizadas. Reiteramos que prova em retórica consiste em tudo que possa persuadir. Dessa forma, ao abordar os aspectos persuasivos oferecidos pela leitura do *meme*, acreditamos que o aluno, naturalmente, criará um repertório de provas a serem adequadas e aperfeiçoadas na sua produção argumentativa. As provas encontradas, por meio da leitura, devem ser escolhidas e avaliadas, o que corresponde ao processo de invenção. Posteriormente, esses argumentos serão organizados na disposição, parte da composição responsável por organizar o texto.

Cabe salientar que segundo Tringali (2014), baseado em Aristóteles, as provas não são inventadas, mas encontradas, avaliadas e empregadas. Nessa perspectiva, a produção textual argumentativa que parte da análise de um outro gênero persuasivo oferece, além da oportunidade de leitura, as possibilidades de acesso a diferentes tipos de argumentação que comporão, além do texto a ser produzido imediatamente, textos futuros dos alunos.

No caso do *meme* “Digam ao povo que eu fico”, a construção argumentativa oferece, além dos aspectos sociais, históricos e políticos, a riqueza da construção de sentido, ativada pela memória e pela intertextualidade. Recursos que podem ser adotados posteriormente pelo produtor de texto por meio de argumentos éticos, patéticos e lógicos.

O ensino de leitura e escrita dirigido por gêneros textuais propicia ao aluno integração ao universo letrado, inclusive ao midiático, que tem cada vez mais atraído pessoas e fidelizado adeptos à sua tecnologia. Não podemos

negar a leitura e produção de gêneros emergentes que circulam na rede, dentre eles, os *memes*, que carregam em sua natureza, por meio da ironia, a persuasão. Bazerman (2015) afirma que os gêneros facilitam o desafio da escrita, ou seja, o enfrentamento do papel em branco, exatamente por dar ao produtor uma segurança das características textuais do gênero que produzirá, além de esclarecer a expectativa do seu receptor.

Dessa forma, a partir da construção de um repertório (conhecimento prévio), aliado à memória (tanto individual quanto coletiva), a intertextualidade (textos anteriores) e a retórica (*inventio*), sugerimos nesse capítulo o uso de um *meme* como um dos meios de ponto de partida para o aperfeiçoamento da leitura e da produção de textos argumentativos a ser utilizado no ensino de Língua Portuguesa.

Referências

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 17 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

_____. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAZERMAN, C. **Retórica da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BLACKMORE, S. **The meme machine**. Oxford University Press, 2000.

CARDOSO-SILVA, E. **Leitura: sentido e intertextualidade**. São Paulo: Unimarco, 1997.

CHARTIER, R. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Trad. Luzmara Cursino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlo, SP: Edusfscar, 2014.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. IN: Coleção: O homem e a ciência. Trad. por Geraldo H. M. Florsheim. São Paulo: EDUSP, 1979; p.189-201.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edusp: Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1995.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3 ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LE GOFF, J. **História & Memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 7 ed. rev. 1 reimpressão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RECUERO, R. **Memes em weblogs**: proposta de uma taxonomia. In: Famecos, 32, 2007

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. 6 reimpressão. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2014.

TRINGALI, D. **A Retórica como Crítica Literária**. São Paulo: Musa, 2014.

